

A TRAJETÓRIA DE CORINA DE VIVALDI NA IMPRENSA BRASILEIRA ENTRE 1874 E 1880¹

THE TRAJECTORY OF CORINA DE VIVALDI IN THE BRAZILIAN PRESS BETWEEN 1874 AND 1880

Helen de Oliveira SILVA*

RESUMO: Corina de Vivaldi (1859-1891) foi uma escritora brasileira que atuou na imprensa nos últimos anos do século XIX. Este texto objetiva descrever e analisar a produção da autora, desprovida de estudos, com particular atenção para os trabalhos escritos quando ainda era muito jovem, a partir de 1874 até o ano de 1880, período em que foi acompanhada pelo seu pai, o ex-cônsul e comerciante Charles F. de Vivaldi (1824-1902). A análise dos textos pode esclarecer quais eram as posições de Corina a respeito das mudanças em curso no Oitocentos, sejam elas em relação à educação, à emancipação feminina e/ou ao papel da imprensa. Desta maneira, procura-se revisitar a atuação da escritora nos impressos brasileiros entre 1874 e 1880, que talvez tenha sido negligenciada pela dificuldade em identificar seus textos.

Palavras-chave: Imprensa brasileira oitocentista; Corina de Vivaldi;

ABSTRACT: Corina de Vivaldi (1859-1891) was a Brazilian writer who appeared in the press in the last years of 19th century. This paper describes and analyzes the author's production, devoid of studies, with particular attention to the written works when she was still very young, from 1874 until the year of 1880, period in which she was accompanied by her father, former Consul and trader Charles F. de Vivaldi (1824-1902). The analysis of texts may clarify what were Corina's opinions about the ongoing changes in the 1800s, whether they are in relation to education, to female empowerment and/or the role of the press. Thus, we seek to revisit the writer's action in the Brazilian newspapers between 1874 and 1880, which may have been neglected by the difficulty to identify her texts.

Keywords: the 19th century Brazilian press; Corina de Vivaldi;

A imprensa oitocentista no Brasil foi, sobretudo, dominada por figuras masculinas, sendo que raras foram as mulheres proprietárias ou colaboradoras de jornais e de revistas. Quando estas compareciam nos periódicos era, quase sempre, abordando assuntos sobre moda, beleza, culinária, comportamento, celebridades, contos, etc., que constituíam o “mundo da mulher”, distante das questões políticas e das atualidades. (BUIIONI, 2009, p. 24-5). Contudo, ainda que ocupando espaços subsidiários, as mulheres se fizeram presentes na imprensa, embora boa parte do material tenha se perdido (MUZART, 2003, p. 225-6) ou permaneça esquecida em algum acervo. A escritora Corina de Vivaldi é um exemplo dessas mulheres à margem, principalmente no que toca a sua primeira produção na imprensa, na década de 1870, quando esteve

* Mestranda em História – Programa de Pós-Graduação em História – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – Universidade Estadual Paulista, “Julho de Mesquita Filho”, câmpus de Assis, Assis, SP – Brasil. Bolsista FAPESP nº 2017-20828-4. E-mail: hdeosilva@gmail.com.

envolvida na edição de impressos periódicos juntamente com o seu pai, Charles F. de Vivaldi.

Corina Henriqueta Alberta Lawe de Vivaldi nasceu em 1859 na cidade de Kansas nos Estados Unidos e desde fins de 1869 residiu no Brasil com a família, o pai Charles Francisco Alberto Júlio Lourenço de Vivaldi (1824-1902) e sua mãe Mary Frances Lawe de Vivaldi (1821-1885).² Educou-se em escolas do estado americano de Wisconsin e, posteriormente, em 1874, formou-se no Colégio Brasileiro, onde obteve medalha de ouro e foi homenageada com um soneto de Luis Vicenti de Simoni (1792-1881).³ Segundo a escassa bibliografia existente, foi a partir deste momento, com apenas 15 anos, que Corina começou sua atividade na imprensa.

Os dados relativos à vida e ao trabalho da escritora provêm do livro de memórias de seu filho, Vivaldo Coaracy (1882-1967), além do que registrou o trabalho clássico de Sacramento Blake (1827-1903), cujos dados o autor obteve por meio de cartas trocadas com Corina e seu marido, o dramaturgo e romancista Visconti Coaracy (1837-1892) (COARACY, 1959; BLAKE, 1883-1902).⁴ Apesar das obras elencarem trabalhos importantes da escritora,⁵ silencia-se acerca dos anos 1874 a 1880, a despeito do fato dela ter figurado como diretora da *Ilustração Popular* (RJ, 1876-1877) em 1877.⁶ O periódico era propriedade de seu pai, que também lançou outros títulos no Brasil.

Cabe lembrar que Vivaldi, italiano e naturalizado norte-americano, foi cônsul dos Estados Unidos em Santos entre 1861 e 1869. Após deixar o consulado, envolveu-se com atividades na imprensa, a começar pela fundação, em sociedade com Manoel Pacheco,⁷ do *Jornal da Tarde* (RJ, 1869-1872), do qual ambos se retiraram em 1870. Pouco depois esteve à frente de títulos em língua estrangeira.⁸ Data de 1876 o lançamento de dois periódicos ilustrados, a *Ilustração do Brasil* (RJ, 1876-1880) e já mencionada *Ilustração Popular*. A intensa atividade de Vivaldi permite supor que, para levar adiante tantos projetos simultâneos, ele contou com a ajuda da jovem filha Corina, fluente em inglês, e que terminou sua formação escolar pouco antes, em 1874.

Entretanto, dos títulos em língua estrangeira foram preservados apenas alguns exemplares⁹ e, segundo consta, foi exatamente no *The American Mail* que ocorreu a estreia de Corina (COARACY, 1959, p. 55; BLAKE, 1883-1902, p. 139), informação que não pode ser confirmada, uma vez que nos exemplares remanescentes não há textos que lhe possam ser atribuídos. Bem diferente é a situação na *Ilustração do Brasil* e na *Ilustração Popular*,¹⁰ periódicos em que a sua presença foi marcante.

A multiplicação dos jornais e revistas no Brasil no último quartel do Oitocentos, para o que Vivaldi contribuiu, pode ser compreendida a partir do conjunto de avanços técnicos, a exemplo dos cabos telegráficos, que ligaram o Brasil à Europa em 1874, ao que se deve acrescer o barateamento do custo da produção, graças à inovação na fabricação do papel e à mecanização das prensas tipográficas. Não por acaso, data de 1875 a fundação do matutino *Gazeta de Notícias* (RJ, 1875-1942), empreendimento de Manuel Carneiro, José Ferreira de Araújo (1848-1900) e Elísio Mendes e do jornal *A Província de São Paulo* (SP, 1875), que renovaram o quadro do jornalismo diário. No que respeita às imagens, os novos processos químicos de reprodução desenvolvidos nos centros europeus e norte-americanos, que resultaram na melhora da qualidade, diminuição do preço e expansão do público leitor (CARDOSO, 2005, p. 160-196), chegavam até nós em função da galvanoplastia, processo químico em que, a partir das matrizes xilográficas criavam-se cópias em chumbo ou em cobre, responsável pela grande proliferação de imagens no século XIX (FERREIRA, 1994). Esta possibilidade técnica permitiu o surgimento das revistas de Vivaldi, que vieram somar aos periódicos ilustrados do Brasil.

A *Ilustração do Brasil* foi lançada no dia 29 de julho de 1876, com periodização quinzenal – alterada para semanal, novamente quinzenal e, por fim, mensal – e vinha juntar-se ao empreendimento, do mesmo gênero, de Henrique Fleuiss (1824-1882), a *Ilustração Brasileira* (RJ, 1876-1877).¹¹ O objetivo do periódico de Vivaldi era difundir a instrução por meio de textos e estampas bem cuidadas, propagando os ideais de civilização, progresso e nação, ideologia predominante no século XIX. A versão modesta, a *Ilustração Popular*, lançada alguns meses mais tarde, em 07 de outubro, visava difundir conhecimentos a todas as classes sociais por meio da leitura amena e divertida. Segundo o editorial, a publicação almejava estar “(...) na oficina do artífice, na humilde residência do operário, na loja do pequeno comerciante, e nas mãos do estudante curioso e do caixeiro (...)”, além de dedicar-se às jovens mulheres. Os impressos de Vivaldi estavam entre os mais baratos do Rio de Janeiro: enquanto o exemplar da primeira custava 300 réis, a outra estava na casa dos 100 réis.¹² Um dos fatores que proporcionou o baixo custo dos periódicos foi a galvanoplastia, que possibilitou o reaproveitamento de estampas por um valor ínfimo. Há indícios de que parte do material iconográfico provinha da *L'illustrazione Italiana* (Milão, 1873-1962).¹³

O conteúdo trazia temáticas variadas, distribuídos em seções¹⁴ e artigos,¹⁵ que abordavam atualidade, como os bastidores da política brasileira, a seca do Nordeste, os problemas sociais do Rio de Janeiro, os avanços técnicos e econômicos da província de

São Paulo, os entretenimentos disponíveis na Capital, as últimas apresentações teatrais, etc., e a propósito do estrangeiro pode-se citar a Exposição da Filadélfia de 1876 e o conflito da Europa com o Oriente, demonstrando que as ilustrações possuíam a preocupação de deixar o leitor informado das últimas notícias.

Foram nestes periódicos que Corina de Vivaldi figurou com textos autorais dedicados ao papel da mulher na sociedade, então um tema candente,¹⁶ e assuntos relativos à literatura, às artes e aos avanços técnicos, que tanto fascinavam. Identificar o tipo de contribuição da escritora para cada uma das ilustrações também pode evidenciar essa marca de distinção de público-leitor.

De saída, há que se considerar a presença de um conjunto de traduções, todas publicadas na *Ilustração do Brasil*, feitas por Corina, conforme se observa na tabela abaixo:

Tabela 01. Traduções de Corina de Vivaldi publicadas na *Ilustração do Brasil*.

| Autor e/ou título | Gênero | Assinatura | Publicação | Fonte |
|--|--------------------|--------------------|--|--|
| Adolpho Thiers | Artigo | Corinna de Vivaldi | Vol. 03, n. 58, mar. 1878 | <i>L'Illustrazione Italiana</i> , Milão, ano IV, n. 36, 09 set. 1877, p. 158-9. |
| Paulo Merimée. <i>O abade Aubain</i> | Produção literária | Corinna de Vivaldi | Vol. 03, n. 60, p. 75 e 78, mai. 1878 e n. 61, p. 87 e 90, jun. 1878 | <i>Nouvelles</i> . Paris, Michel Lévy Frères, 1852. |
| Dr. Croissart. <i>Um caso de sonambulismo</i> | Trecho de obra | C. V. / C. | Vol. 04, n. 04, p. 55, out. 1878; Vol. 01, n. 05 (nova série), p. 70 e 71, jan. 1879 e n. 06 (nova série), p. 87 e 90, fev. 1879 | <i>Un cas de somnambulisme</i> . Bruxelas, Meunier et fils, 1873. |
| Cristian Andersen. <i>A Sereia</i> | Produção literária | C. V. | Vol. 01, n. 09 (nova série), p. 131, mai. 1879 | <i>Contes d'Andersen</i> . Paris, Librairie Hachette et cie., 1876. |
| Alexandre Dumas, pai. <i>Uma alma pra nascer</i> | Produção literária | Corinna de Vivaldi | Vol. 02, nº 13 (nova série), p. 10-11, 1879/1880 | <i>Une âme à naître ou Histoire d'une âme</i> . In <i>Contes pour les grands et les petits enfants</i> . Paris, 1852-1860. |
| Ludovic Halévy. <i>Um sonho</i> | Produção literária | Cora Cy. | Vol. 02, n. 16 (nova série), p. 51, 1880 | <i>Le rêve</i> . In <i>Madame et Monsieur Cardinal</i> . Paris, 1872. |

Fonte: autoria própria.

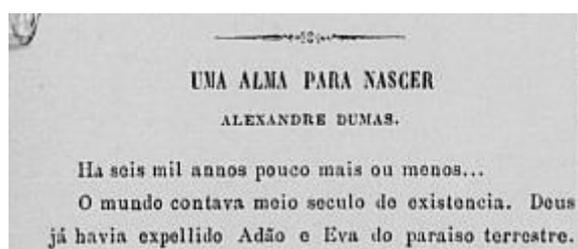
Corina de Vivaldi traduziu artigos, contos e trechos de trabalho científico, retirados de obras, italianas e francesas, todas contemporâneas.¹⁷ O artigo intitulado “Adolfo Thiers” (1797-1877), transcrito da *L'Illustrazione Italiana*,¹⁸ deu-se por ocasião do falecimento do político e historiador francês (03 de setembro de 1877). Neste

caso, há um exemplo de apropriação e de adaptação pela *Ilustração do Brasil* de uma notícia internacional, que há muito já havia circulado na capital fluminense.

As demais traduções de Corina de Vivaldi foram originárias de obras francesas, caso dos contos “O abade Aubain” de Prosper Mérimée (1803-1870) e “Uma alma pra nascer” de Alexandre Dumas, pai (1802-1870), únicas ocorrências em que a escritora usou seu nome de solteira, Corinna de Vivaldi, com dois n. Utilizando os pseudônimos, traduziu trechos da obra do Dr. Croissart, com o intuito de resumir para o leitor a curiosa memória publicada pelo médico. Com a mesma rubrica, C.V., ainda assinou a tradução do conto “A sereia” do autor dinamarquês Cristian Andersen (1805-1875), supostamente realizada a partir de obra em francês. Por fim, usou o Cora Cy., provavelmente devido ao sobrenome de casada, Coaracy, assinando a tradução do conto de Ludovic Halévy (1834-1908). Trata-se de obras, em sua maioria, recém-lançadas, de autores ou de textos que desfrutavam de prestígio na época, mas importa destacar que se trata de reproduções de fragmentos retirados de trabalhos franceses.

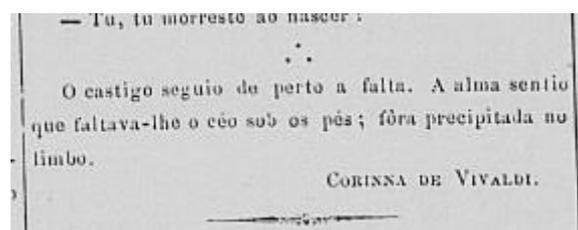
Entretanto, nem sempre a *Ilustração do Brasil* explicitou claramente que os textos eram traduções, ainda que houvesse indícios que permitiam ao leitor chegar facilmente a essa conclusão, como foi o caso de Alexandre Dumas (ver imagem 01), que traz, ao final do texto, uma das assinaturas de Corina (ver imagem 02), atentando que era a tradutora. Já no artigo sobre Adolpho Thiers, há a informação “extraído da *Illustrazione Italiana*”, junto do nome da escritora, mas é obvio que se trata de uma tradução, tarefa que fica subtendida (ver imagem 03).¹⁹

Imagem 01. Título de tradução do francês, com indicação de autoria do texto original.



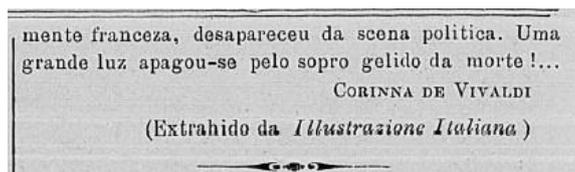
Fonte: *Ilustração do Brasil*, v. 02, nº 13 (nova série), 1879/1880, p. 10.

Imagem 02. Assinatura de Corina de Vivaldi ao final do conto de Alexandre Dumas.



Fonte: *Ilustração do Brasil*, v. 02, nº 13 (nova série), 1879/1880, p. 11.

Imagem 03. Autoria de Corina ao final da tradução do artigo italiano.



Fonte: *Ilustração do Brasil*, v. 03, nº 58, p. 38, mar. 1878.

Por outro lado, além das traduções, publicadas apenas na *Ilustração do Brasil*, foi possível identificar uma série de textos autorais em ambas as revistas ilustradas, o que atesta sua presença nos periódicos do pai.

O primeiro pseudônimo utilizado por Corina de Vivaldi foi Aniroc,²⁰ utilizado em 13 publicações e cuja estreia ocorreu na *Ilustração Popular*, periódico que teve escassos textos assinados.²¹ A autora respondeu por artigos, contos e seções, parte deles reproduzidos na *Ilustração do Brasil*, enquanto outros foram publicados exclusivamente nesse periódico.

Tabela 02. Textos e seções assinados como Aniroc.

| Título | Publicação | |
|---|--|--|
| | <i>Ilustração Popular</i> | <i>Ilustração do Brasil</i> |
| Conversações com minha filha: a mulher literária | Vol. 01, n. 01, p. 06 e 07, 07 out. 1876 | Republicado em: vol. 01, n. 09 (nova série), p. 138, maio 1879 |
| Conversações com minha filha: a mulher feia | Vol. 01, n. 02, p. 11 e 14, 17 out. 1876 | Republicado em: vol. 02, nº13 (nova série), p. 06, 1879/1880 |
| Conversações com minha filha: a mulher independente | Vol. 01, n. 03, p. 18 e 19, 21 out. 1876 | Republicado em: vol. 02, nº 14 (nova série), p. 26, 1880 |
| Entre Moças | Vol. 01, n. 32, p. 251 e 254, 12 maio 1877 | - |
| Entre Moças | Vol. 01, n. 33, p. 258 e 259, 19 maio 1877 | - |
| Entre Moças | Vol. 01, n. 36, p. 286 e 287, 09 jun. 1877 | Republicado em: Vol. 01, n. 41, p. 374, 14 jun. 1877 |
| Ontem e hoje | Republicado em: Vol. 01, n. 39, p. 306 e 307, 30 jul. 1877 | Vol. 01, n. 43, p. 387 e 390, 28 jun. 1877 |
| Um macaco | - | Vol. 02, n. 51, p. 462, 30 ago. 1877 |
| Um novo poeta francês | Republicado em: Vol. 01, nº44, p. 351, 23 set. 1877 | Vol. 02, n. 52, p. 467, 15 set 1877 |
| Crônica da Moda | - | Vol. 02, n. 53, p. 486 e 487, 30 set. 1877 |
| Crônica da Moda | - | Vol. 02, n. 55, p. 518 e 519, 30 out. 1877 |
| Entre Moças | - | Vol. 02, n. 55, p. 522, 30 out. 1877 |

| | | |
|----------|---|--|
| Os anéis | - | Vol. 02, nº 58, p. 39 e 42, mar. 1878 |
|----------|---|--|

Fonte: autoria própria.

O pseudônimo Aniroc foi utilizado nas duas revistas, sendo que o penúltimo número da versão modesta datou de 28 de julho de 1877 e, em uma tentativa de retorno, sua última publicação ocorreu em 30 de setembro do mesmo ano. Neste ínterim, circulou na *Ilustração do Brasil* o conto “Um Macaco”, o artigo “Um novo poeta francês” e a seção “Crônica da Moda”, o que permite concluir que Corina terminou o ano de 1877 dedicando-se ao periódico (ver tabela 02). Sem edições em novembro e em dezembro, a revista voltou a circular apenas em janeiro de 1878, desta vez com periodicidade mensal,²² sendo que a edição de março estampou o último texto assinado com o anagrama de seu nome.

Esse material permite verificar como a jovem Corina de Vivaldi abordou temas como o papel da mulher, seja no seio familiar ou no meio público, em periódicos que não eram destinados somente às mulheres e que, portanto, não estavam inseridos na chamada imprensa feminina. Enunciando-se como Aniroc, cabe verificar qual imagem de mulher se depreende dos textos da jovem escritora, isso frente às amplas discussões em torno da emancipação feminina que estavam em voga na década de 1870.

A questão do comportamento feminino ante a literatura, a educação e a moda foram trazidos à tona nas seções “Conversações com minha filha”²³ e “Entre Moças”, que se valiam de diálogos entre uma mãe, que assumiu o papel de narradora, e de sua filha, Maria, e, no segundo caso, entre três amigas. O recurso à conversação foi comum no século XIX, fosse entre familiares, amigos ou professores e alunos que abordavam a vida doméstica e o dia-a-dia, mas com finalidade educativa, inclusive quando se tratava de assuntos científicos ou tecnológicos. Várias obras utilizaram o artifício, que tinha por função educar e civilizar os leitores, principalmente os jovens letrados ou semianalfabetos. Um dos trabalhos pioneiros foi *Conversations on Political Economy* (1816), de Jane Marcet (1769-1858), que intentou popularizar o conhecimento científico por meio de diálogos entre a jovem estudante Caroline e a sua tutora Mrs. Bryan (JINZENJI, 2010, p. 149-155).

A grande repercussão desta fórmula pode ter inspirado Corina, uma vez que o objetivo da *Ilustração Popular* era transmitir o conhecimento de maneira mais agradável e acessível para um público amplo. Assim, a mãe de “Conversações com minha filha” torna-se mãe de todos os leitores ao ser representada como a própria *Ilustração*, ambas instrutoras que desejam propagar ideais sobre o papel político da

mulher na sociedade, velando-se de um texto agradável e com tom corriqueiro, como se fosse uma conversa informal entre familiares.

Na seção, o objetivo era alertar a filha, consumida pelas ideias emancipatórias, sobre riscos da cobiça de jovens mulheres em aspirar uma educação análoga à dos homens. Em um dos diálogos, uma jovem amiga de Maria, de apenas 18 anos, escrevia contos para um jornal ilustrado e ao comunicar o fato a mãe, recebe uma reprimenda:

[...] as nossas filhas tendem muito a seguir a opinião que proclama a independência da mulher, a sua aptidão para seguir os estudos do homem, o seu direito a disputar-lhe as honras e a fama. Serei, sobretudo severa com aquelas meninas que, com a memória cheias de suas leituras de Dumas e Ponson du Terrail, e de suas composições escolásticas, porque de vez em quando têm uma frase feliz, porque sabem colocar o substantivo antes do verbo, se persuadem que o público deve ouvi-las em êxtases. A palheta dos artistas é séria demais para as mãos da mulher, e os seus dedos se estragam entre as diferentes tintas [...]. (ILUSTRAÇÃO POPULAR, 1876, p. 07).

Segundo a narradora, a mulher teria menor capacidade intelectual e, portanto, não poderia desfrutar do mesmo prestígio dos homens, explicação pautada na inferioridade de gênero: “delicada, honesta e casta”. A filha, tal como as demais mulheres, não era talhada para os grandes feitos, marca exclusiva do sexo masculino.

No século XIX, as qualidades ditas femininas, bela, frágil e familiar, foram reforçadas pelos impressos, que insistiam na vocação inata para as atividades do lar e, portanto, excluía a ação no espaço público. Para a mãe de Maria, por exemplo, era um risco e uma audácia a mulher escrever em periódicos. Na sua perspectiva, os dotes femininos de educação e inteligência, mais fundamentais do que a beleza, deveriam servir apenas à família, o que não seria menos digno do que a função desempenhada pelo homem:

[...] [Os homens] quase nunca podem dedicar-se aos seus estudos prediletos; pois que muitas vezes a necessidade os obriga a seguir outros [...]. Para a maior parte deles o estudo é uma corrente que devem arrastar sempre consigo junto à mesa do emprego. Queiram ou não queiram a conscrição os espera; a política, a hidra de sete cabeças os fascina. Ocupados com os negócios, têm raras vezes uma hora que possam passar à sua vontade. As preocupações do dia os seguem até no descanso da noite, e a sua imaginação presa entre o *dever* e o *haver* não pode elevar-se até os voos da poesia bem extasiar-se na contemplação do belo [...]. (ILUSTRAÇÃO POPULAR, 1876, p. 18).

Às figuras femininas caberia a criação dos grandes homens da história da humanidade, caso da mulher de Coriolano²⁴ e da mãe dos Gracos,²⁵ e tampouco seriam menos ilustres do que as mulheres públicas, como Joana d’Arc (1412-1431) e Clara Camarão.²⁶ As primeiras mulheres, no entanto, teriam gozado de um privilégio que as segundas jamais puderam ter, como a liberdade de ler um livro que lhe agradasse no

aconchego do lar, ao lado dos filhos queridos e no convívio com as amigas, cercadas de flores e de amor, o que as tornava, em sua percepção, mais felizes.

Já os textos que compuseram a seção “Entre moças” apresentavam tom similar e o mesmo estilo de escrita adotado em “Conversações com minha filha”. Tratou-se de um conjunto de diálogos entre três amigas, com personalidades distintas: Luiza, a leitora assídua, educada e inteligente; Adelina, a garota dos bailes e salões; e Coralina, a curiosa e questionadora, ademais a narradora das histórias. Ao criticar a educação para a mulher no Brasil, Corina se opõe àquela de caráter científico, tida por difícil para o belo sexo, bem como condena o ensino dos salões, à moda francesa. A personagem Adelina é enfática ao dizer que os colégios brasileiros doutrinam as mulheres ao estilo do “*verniz das saias*”, ou seja, “ensinam-lhe a trazer a cauda do vestido com suprema elegância, a manejar o leque, a dizer palavras ocas, porém bonitas, a cantar e a dançar... depois disseram-lhe: *a sua educação está completa!*” (ILUSTRAÇÃO POPULAR, 1877, p. 286, grifo no original).

Por meio dos textos, para Corina de Vivaldi, as virtudes das mulheres como esposa e mãe foram corrompidas pela “liberdade” e emancipação da mulher, que teriam dado à figura feminina os mesmos direitos dos homens. Às mulheres era inconcebível a profissionalização, o que lhes tomariam o tempo da educação dos filhos e da manutenção do lar. Ao adentrar os espaços públicos, as mulheres se transviariam de sua função: “Cursam as academias, e depois voltam com os vestidos manchados, porque estudam medicina, porque passaram a tarde a dissecar um cadáver, e ainda trazem consigo talvez uma perna ou uma garganta para estudarem a noite!... é o século da *emancipação da mulher.*” (ILUSTRAÇÃO POPULAR, 1877, p. 286, grifo no original).

Uma das efervescentes questões do período, pautado no progresso da civilização, foi a emancipação racional das mulheres, defendida pela imprensa feminista.²⁷ Na década de 1870, as mulheres lutavam pelo acesso ao ensino superior, o que já era realidade em alguns países, como nos Estados Unidos, mas que no Brasil somente concretizou-se em 1879, quando foi autorizado o acesso das mulheres às academias.²⁸ No mesmo período da crítica de Corina de Vivaldi, a brasileira Maria Augusta Generoso Estrela (1860-1946), com apenas 16 anos, foi aprovada para o curso de medicina na *New York Medical College and Hospital for Women* e matriculada em outubro de 1876. Entretanto, não apenas Corina mostrava-se relutante diante das novidades, mas havia outras publicações, como o *Jornal das Famílias* (RJ, 1863-1878) e *A Mãe de Família* (RJ, 1879-1888), que defendiam o enclausuramento da mulher no espaço privado e estritamente familiar.

Na mesma senda, na *Ilustração Popular*, a escritora Corina de Vivaldi propagou a representação da mulher como mãe-esposa e todas as qualidades que deveriam permeá-la. À ela cabia a educação moralista, não frívola, como a francesa, e nem acadêmica, mas conhecedora de saberes suficientes para educar os filhos na primeira idade. É notável certo temor de que a independência da mulher corrompesse a sua moral, afetando a doçura “natural”, mas, sobretudo, por romper com a família tradicional, cujo papel social da mulher foi (é) o alicerce mantenedor da ordem do lar.

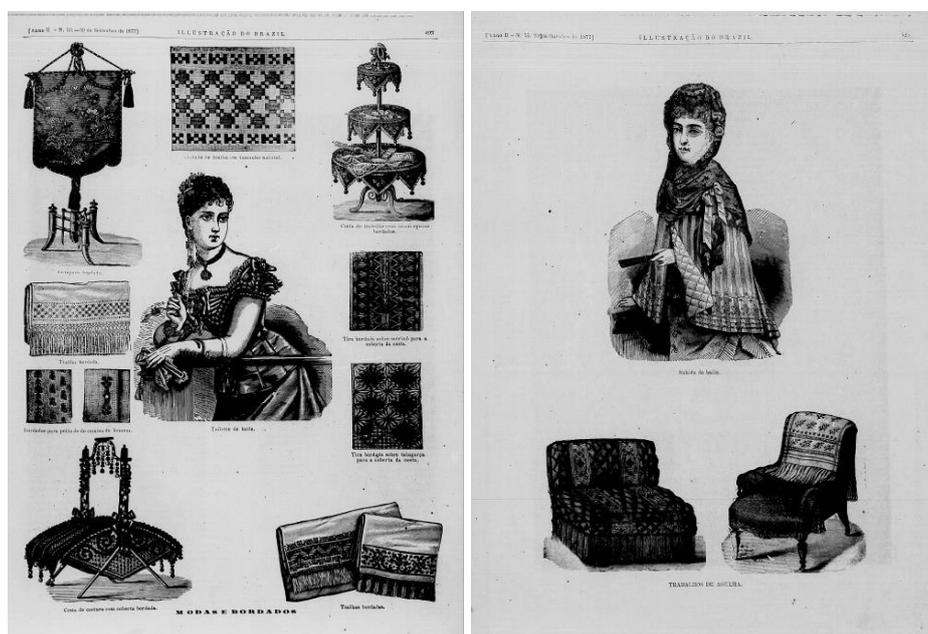
Esta postura não foi diversa na seção “Crônica da Moda, presentes na *Ilustração do Brasil* que, diferentemente da *Ilustração Popular*, era uma revista luxuosa e dirigida para as camadas média e alta da sociedade. Portanto, a presença ou ausência de uma dada seção aponta para escolhas da redação, que decidia quais eram os conteúdos adequados para cada um dos públicos visados.

Na estreia de “Crônica da Moda”, Corina de Vivaldi ponderou que, há 20 anos, bastava uma visita à casa de uma modista francesa para descobrir as últimas tendências. A afirmação é intrigante, pois, nesse momento, a escritora tinha apenas 18 anos, o que sugere que o texto não era de sua autoria e talvez se tratasse de tradução de alguma revista estrangeira. Não esta descartada, porém, a hipótese de se tratar de um dado ancorado em informações ou relatos de cunho familiar. O fato é que a informação aumenta a credibilidade do autor, lembrando que Corina assinou com o anagrama de seu nome e, portanto, é provável que o leitor não soubesse de que a autora fosse uma jovem mulher.

Seções como “Crônicas da Moda”, que tinham o objetivo de ensinar e ditar a moda, eram muito decorrentes no século XIX, principalmente em periódicos ilustrados, que também miravam no público feminino. Por tratar-se de informações apresentadas em partes, que eram retomadas em números subsequentes, tal característica pode ser encarada como uma estratégia para prender o leitor e assegurar futura compra (MARTINS, 2008, p. 378). Nas crônicas da *Ilustração do Brasil*, Corina descreveu várias tendências, com destaque para as vestimentas *brettonnes*, cujas *toilettes* eram consideradas as melhores confecções. Entretanto, na segunda crônica, a autora destacou que o mais importante era a boa apresentação da mulher, sem consentimentos aos caprichos da moda. Certas tendências deixavam antever uma mulher vulgar, ao contrário dos elegantes *paletots* e dos *tulle* brancos franceses, usados em *toilettes* de baile, que cobriam certas partes do corpo feminino, como os ombros e a cintura, que, na opinião da autora, não deveriam ser mostradas. Estes destaques foram ilustrados em

estampas, publicadas no *Museo di famiglia: rivista illustrata* (Milão, 1861-1867, 1874-1879) e na *L'Illustrazione Italiana*, que acompanharam os textos.²⁹

Imagem 04. Estampas sobre moda.



Fonte: À esquerda, *Ilustração do Brasil*, v. 02, nº 53, 30 set. 1877, p. 493, na legenda principal lê-se: Modas e bordados; nas demais legendas, de cima para baixo e da esquerda para a direita: anteparo bordado, toalha bordada, bordados para peito de camisa de homens, cesta de costura com cobertura bordada, bordado de toalha em tamanho natural, *toilette* de baile, cesta de trabalho com *trambequins* bordados, tira bordada sobre merino para a cobertura da cesta, tira bordada sobre talagarça para a cobertura da cesta, toalhas bordadas; e à direita, *Ilustração do Brasil*, nº 55, 30 out. 1877, p. 525, nas legendas leem-se: saída de baile, trabalhos de agulha.

Além das vestimentas descritas por Corina de Vivaldi, as estampas ilustravam diversos tipos de bordados para roupas e acessórios. As imagens não representaram apenas a última tendência da moda em torno dos bordados, mas reforçavam o trabalho designado às mulheres na sociedade oitocentista. O ato de bordar era uma das tarefas da mulher-mãe, com virtude doméstica e trabalho que confirmava as qualidades femininas, como ser agradável, útil e boa, além de mantê-la dentro do lar e, portanto, longe do espaço público. Deste modo, a imprensa também propagava o dever da mulher por meio de jornais e revistas sobre moda, não produzidos, necessariamente, pelas mulheres, ou mediante seções, com a mesma temática, inseridas em periódicos que não seriam destinados apenas ao público feminino. Ambos os casos, principalmente quando eram editados por homens, tinham a função de impor um lugar às leitoras de acordo com a vontade masculina (SULLEROT, 1963 apud BUITONI, 2009, p. 187).

Corina de Vivaldi também demonstrou conservadorismo em relação às tendências da moda francesa vigentes na década de 1870, expressas em vestimentas cada vez mais pomposas e de cores vibrantes. A moda extravagante seguia, na sua

perspectiva, na contramão da delicadeza, da moderação e da discrição, aspectos ligados à virtude feminina. Os últimos parágrafos de um suposto texto apropriado e adaptado, a autora teceu comentários sobre a moda adotada no Rio de Janeiro, que dispunha de demasiados acessórios “comestíveis” nos chapéus.

Havia ervilhas em flor, uvas, tomates, pepinos etc.! Se não estivessem unidos àquela *toilette* e àquela pessoa ter-se-ia acreditado que era alguma cozinheira de volta do mercado com as suas provisões sobre a cabeça. Creio que esta moda tão ridícula não tardará a invadir o nosso Rio de Janeiro.

Há bem poucos dias uma modista elegante da rua dos Ourives transformou a sua *vitrine* em um verdadeiro tabuleiro de frutas. Havia damascos tentadores, uvas, pêssegos, cerejas, etc. etc. Ao indagar o motivo daquela mudança no negócio responderam-me que eram para enfeitar os chapéus! (ILUSTRAÇÃO DO BRASIL, 1877, p. 486).

Os primeiros textos de Aniroc tiveram por mote, portanto, a figura feminina e sua relação com os espaços públicos e privados. Durante o século XVIII, os impressos tiveram grande importância na difusão do ideal da mulher no ambiente doméstico, entretanto, paulatinamente, a situação se alterou, graças às transformações sociais em curso. A vida doméstica aos poucos vai sendo modificada pelo advento da técnica e da ciência (CARULA, 2013; VERGARA, 2008) e no interior da própria família outras posturas se insinuavam em relação às decisões sobre o cotidiano e os filhos. A ampla circulação dos impressos, em tavernas, cafés, hotéis e mercados e sua entrada no interior das casas, indica a presença da palavra impressa, acessível mesmo aos analfabetos, por meio das sociabilidades da leitura (CHARTIER, 1988, p. 124), que poderiam ver as estampas dos impressos ilustrados ou ouvir a leitura de textos, prática ainda comum no Oitocentos.

Parte significativa dos consumidores dos impressos periódicos era constituída por leitoras e não surpreende que algumas tenham se lançado na imprensa, como a própria Corina de Vivaldi bem indica. É fato que sua posição era bastante conservadora, na contramão de outras penas femininas que se posicionavam contrárias à redução do feminino na tríade “mãe-esposa-rainha do lar” (MARTINS, 2008, p. 372). No entanto, eventualmente, ditar certos comportamentos às mulheres corresponderia ao programa das revistas de seu pai, Charles de Vivaldi, cujo objetivo foi propagar a instrução a fim de alcançar o almejado desenvolvimento da Nação brasileira. Em suma, a *Ilustração do Brasil* e *Ilustração Popular*, sob a pena de Corina, difundiram que o papel da mulher na formação de uma sociedade civilizada estava na educação materna e na manutenção dos valores morais no seio familiar. A educação da mulher deveria ser a suficiente para ensinar as primeiras letras e os valores morais, civis, sociais e religiosos aos filhos. “A

necessidade de se educar a mulher pode ser entendida como resultante da percepção do seu poder civilizador; ao mesmo tempo em que urgia ser educada, acreditava-se no seu potencial educador” (JINZENJI, 2010, p. 173).³⁰

Um dos compromissos da *Ilustração Popular* foi apresentar contos e poesias ao público feminino, contudo não houve conteúdo deste tipo assinado por Corina de Vivaldi nesta revista. Somente na *Ilustração do Brasil* foi publicada a única produção literária assinada ainda como Aniroc. Tratou-se do conto “O Macaco” que, narrou com ironia e graça a história da viúva de um pintor. O animal que dá título à história é virtuoso, qualidade ausente nos “mais aperfeiçoados” de Darwin (1809-1882), ou seja, nos homens. O macaco denunciou ao pretendente os defeitos da viúva, o uso de peruca e de dentadura, ocasionando o término do compromisso pelo velho noivo, que se achava moço. Sem saída, a mulher procura seu antigo amante, um carneiro, que passado tempo tornou-se um açougueiro importante de Paris. Tratava-se de uma história de denúncias de um mundo das exterioridades ao demonstrar a verdadeira natureza do homem por de trás do véu das aparências. Podemos notar traços da moralidade cívica expressada no texto da autora, em que denuncia certos comportamentos que seriam maléficos para a formação de uma sociedade civilizada. Nota do jornal *The British and American Mail* destacou o trabalho de Corina:

The talented lady contributor [...] is gaining well deserved laure is in the literary field and we must of necessity bring our small offering to the altar. In the sketch *Um macaco* the writer reveals life and *verve*, complete mastery over details, a keen observation of human nature, and an original vein of native talent of no common order [...]. (THE BRITISH AND AMERICAN MAIL, 1877, p. 03, grifos no original).

Tal produção permite remeter Corina de Vivaldi ao mundo literário. Ora, a jovem contrariava opinião expressa na seção “Conversações sobre minha filha”, segundo a qual a mulher não deveria arriscar-se nesse campo e produzir “raqúiticas e escrofulosas produções de talentos indecisos”. Segundo as considerações da mãe de Maria, somente uma mulher possuidora de verdadeiro “gênio” poderia destacar-se, e assim “nenhuma força humana o poderá sufocar”. Tivesse ou não Corina o talento referido na seção, é curioso que a autora não mais produziu contos para as revista de Vivaldi. Apresentando-se ainda como Aniroc, ela escreveu uma série de artigos contendo descrições e considerações superficiais ou mais pormenorizadas acerca de obras literárias e científicas.

Sobre o tema da literatura, Corina de Vivaldi assinou “Um novo poeta francês”, que reproduziu algumas das poesias, *Declaration*, *Le Bateau Rose* e *Nocturne*, de Jean Richepan (1849-1926), e apontou, em breves notas elogiosas, as qualidades do

jovem escritor. Críticas e reproduções literárias raramente foram publicadas na *Ilustração Popular* e *Ilustração do Brasil*. Se a autora esteve presente na imprensa em razão das publicações de seu pai, sua produção deveria estar em consonância com os programas das revistas, suas características físicas e o público visado que, como se destacou, não era o mesmo.

O artigo “Ontem e hoje” trouxe reflexões de um jovem que debatia com seu amigo, já ancião, com ideias progressistas.³¹ O texto insistia nos benefícios dos progressos científico, político e social alcançados pela humanidade, em oposição ao velho conservadorismo europeu. O texto afirma que o avanço da civilização garantiu direitos iguais aos homens, instituiu a meritocracia, assegurou a liberdade religiosa e extirpou o trabalho escravo, pelo menos em algumas regiões do mundo. No século XIX, o progresso era visto a partir de pares antagônicos, ontem versus hoje, civilizado versus barbárie, o que deu margem a construção de alegorias maniqueístas típicas da sociedade do Oitocentos (NAXARA, 2004, p. 23). No mesmo diapasão, Corina de Vivaldi referia-se aos campos de batalhas, aos povos ignorantes e às máquinas de tortura, como a guilhotina, em contraposição ao hoje e às batalhas nos laboratórios científicos, ao povo sábio e às máquinas que movimentavam a indústria. O programa da *Ilustração do Brasil* teve sua máxima expressa em um texto de Corina: “a imprensa atira até as últimas camadas ondas de luz, e instruindo o povo mostra-lhe o caminho da prosperidade” (ILUSTRAÇÃO DO BRASIL, 1877, p. 390).

No século XIX, atribuía-se à imprensa o papel de instruir a conduta moral da população e evidenciar as distinções entre povos civilizados e bárbaros, dicotomia reforçada com o avanço da ciência, baseada nos ideais darwinistas, que buscou a história dos homens, incluindo suas manifestações ideais e materiais. Com o objetivo de vulgarizar o conhecimento, a *Ilustração do Brasil* dedicou espaço a divulgações do gênero, e uma das contribuições foi de Corina, que publicou “Os anéis”, última colaboração assinada como Aniroc. Trata-se de comentários sobre a obra *Rambles of an Archaeologist among old Books and in old Places* (Londres, 1871), de Frederick William Fairholt (1814-1866), xilogravador e antiquário inglês, membro da Sociedade de Arqueologia, consagrada à importância dos anéis para os aspectos da vida pública e privada, principalmente no âmbito político desde a antiguidade até o século XVII.

O conjunto de textos sob o anagrama Aniroc indica que o mesmo estavam em sintonia com os programas da *Ilustração do Brasil* e *Ilustração Popular*. Num primeiro momento, as seções escritas para a versão modesta, “Conversações com minha filha” e “Entre moças”, foram compostos por textos que debateram assuntos polêmicos, mas de

fácil apreensão por assumirem a forma de diálogos, que se assemelhavam às conversas familiares. Entretanto, a partir do momento que a versão modesta deixa de ser publicada, a escritora passou a tratar de outros temas, seus textos ganharam em criticidade, fato que se acentuou quando Aniroc foi deixado para trás em prol de outros pseudônimos.

Corina de Vivaldi também pode ter contribuído para a *Ilustração do Brasil*, publicação na qual assinou textos com as iniciais de seu nome. Entretanto, estas introduzem ambiguidade, uma vez que a autoria também poderia ser atribuída ao pai, o que exige análise detida para que se possa justificar a vinculação da produção à escritora.

Tabela 03. Prováveis textos autorais de Corina de Vivaldi na *Ilustração do Brasil*.

| Título | Gênero | Assinatura | Publicação |
|--|---------------|-------------------|---|
| Novos livros franceses | Artigo | C. A. V. | Vol. 02, nº 54, p. 502-3, 15 out. 1877 |
| O natal | Editorial | C. A. V. | Vol. 03, nº 56, p. 03, jan. 1878 |
| O telefone e a música a grandes distâncias | Artigo | C. A. V. | Vol. 03, nº 57, p. 19 e 22, fev. 1878 |
| Velázquez e Rubens | Artigo | C. V. | Vol. 03, nº 58, p. 38 -39, mar. 1878 |
| O protótipo de D. Juan | Artigo | C. V. | Vol. 03, n. 60, p. 90-91, mai. 1878 |
| Seção Divertimentos | Notícia | C. V. | Vol. 03, n. 61, p. 91, jun. 1878 |
| Seção Divertimentos | Notícia | C. V. | Vol. 04, n. 01 (nova série), p. 11, jul. de 1878 |
| A castelã e a caridade | Artigo | C. V. | Vol. 04, n. 01 (nova série), p. 03, jul. 1878 |
| A dinastia Rothschild | Artigo | C. V. | Vol. 04, n. 03 (nova série), p. 35 e 38, set. 1878 e n. 04, p. 51 e 54, out. 1878 |
| Cristiano Andersen e as suas obras | Artigo | C. V. | Vol. 4, nº 08 (nova série), p. 115 e 118, abr. 1879 |
| A música do futuro | Editorial | C. V. | Vol. 04, nº 11 (nova série), p. 163, set. 1879 |

Fonte: autoria própria.

As iniciais C. A. V. e C. V. remetem tanto ao pai quanto à filha, valendo lembrar que foram poucos os textos assinados por outros colaboradores na *Ilustração do Brasil*, tanto que dos 230 artigos contabilizados, 196 não possui assinatura, ou seja, devem ser atribuídos à redação, enquanto 34 textos são autorais, assim distribuídos: C. V. (06 ocorrências), Aniroc (03), C. A. V. (03), P. S. (03), Eunapio Deiró (02), e com uma ocorrência cada, A. V., Corinna Coaracy, E., F. Rego, F. S., G. A. Biaggi, Galileu, J. A. Monteiro Júnior, José Américo dos Santos, L. A., M. A., M. J. Pereira Frazão,

Mello Moraes Filho, T. E. S., Tableau, Victor da C. e Z.. Cabe destacar que Charles F. de Vivaldi não assinou texto com seu nome e não tinha o hábito de se valer de pseudônimos, o que reforça a hipótese de que o conteúdo da redação fosse de sua autoria e que, provavelmente, as colaborações de Corina tenham sido os assinados com as iniciais. Outra hipótese, que pode supor que estes pseudônimos fossem da autora, é o surgimento das iniciais na versão luxuosa somente após o encerramento da *Ilustração Popular* e com desaparecimento do anagrama Aniroc.

Os três textos assinados pela inicial C. A. V. ocuparam posição de destaque no periódico e abordaram diferentes temáticas. Para além da descrição histórica sobre o natal, presente no seu primeiro editorial (ver tabela 03), no artigo “Novos livros franceses”, Corina teria escrito sobre obras francesas recém-lançadas. Diferente dos rápidos comentários do texto “Um novo poeta francês”, neste artigo a autora demorou-se em críticas a diversos escritores e obras. Merecem destaque as histórias de Filipe II da França (1165-1223), cuja biografia foi alvo de ficção em *Les amours de Philippe* (1877), de Octave Feuillet (1821-1890), que a autora comparou com *Les Inutiles* (1869), de Édouard Cádol (1831-1898), e *Un drame sous Philippe II* (1875), peça teatral de Georges de Porto-Riche (1849-1930). No mesmo texto, a autora também ensaiou crítica sobre outros escritores, como o italiano Maggioli, Ernest Renan (1823-1892), Alex, autor de *Guerre d’Orient*, Chantavoine (1850-1918), Alexandre Dumas, filho (1824-1895) e Émile Augier (1820-1889).

Em outro registro, a autora dedicou-se a tratar do progresso técnico no artigo “O telefone e a música a grandes distâncias”. Corina registrou o aperfeiçoamento do telefone de Graham Bell (1847-1922), que possibilitou a transmissão de músicas à distância. O texto informou sobre as novas experiências datadas de agosto de 1876, com fios de 10 a 200 milhas de comprimento, que ligou Boston com as cidades de Cambridgeport e de Salem, nos Estados Unidos. Estes textos deixam claro que a autora estava atenta às atualidades e ao progresso técnico, assuntos que, a princípio e segundo sua própria perspectiva, não eram temas que interessassem às mulheres do seu tempo. Pode-se observar deslocamentos a partir de sua atuação na *Ilustração do Brasil* quando adotou o pseudônimo C. A. V., aprofundando temas que já se anunciavam nos últimos textos assinados Aniroc. Ao escrever sobre o progresso da nação, a vulgarização de obras literárias e científicas contemporâneas e os avanços técnicos em curso, Corina passou a abordar temáticas que ultrapassavam o “universo feminino”. Não se pode desprezar o fato de esta revista apresentar temáticas mais voltadas para o público masculino, o que pode ter pesado na escolha dos conteúdos, que iam além da moda,

comportamento feminino, beleza, contos, etc., em prol da modernidade técnica e de obras de cunho científico, tópicos desprezados pela imprensa feminina típica do Oitocentos.³² Deste modo, com a inicial C. V., Corina multiplicou sua área de interesse, o que indica que não se tratava de escolhas aleatórias de iniciais, mas de outra persona assumida pela escritora.

Na edição de março de 1878, C. A. V. deu lugar para C. V., que perdurou até os últimos exemplares da *Ilustração do Brasil*. Apenas neste número, Corina contribuiu com três textos: a tradução do artigo de Adolpho Thiers, assinado com seu nome, um artigo sobre a obra de Fairholt com Aniroc, ambos já comentados anteriormente, e o artigo de estreia da inicial C. V., o que demonstra que, após o encerramento da *Ilustração Popular*, ela passou a colaborar assiduamente para a versão luxuosa.

Ao longo de 1878, a escritora abordou outros temas relativos aos ideais que dominavam o século XIX. Alguns textos tinham em comum a abordagem de obras e personagens históricos, com apreciação que revelava o percurso seja do indivíduo ou da obra analisada. Uma dessas produções foi o artigo sobre a origem do famoso personagem da literatura espanhola, o Don Juan, destaque nos teatros da Europa com a peça *Don Giovanni* (1787), de Amadeus Mozart (1756-1791). Segundo a autora, a grande repercussão da ópera deveu-se ao libreto do compositor Lorenzo Da Ponte (1749-1838), que sofreu influência de outras peças teatrais, a começar pela vulgarização do personagem realizada por Tirso de Molina (1579-1648) em 1616 com *O burlador de Sevilha e o convidado de pedra*. Alguns anos mais tarde, Molière (1622-1673) publicou *Dom Juan, ou le festin de Pierre* (1665), tragicomédia que também auxiliou na popularização. Lord Byron (1788-1824) ainda escreveu um poema satírico, cuja primeira publicação foi lançada em 1819. Todas as obras foram importantes pelas adaptações da história, bem como na criação de outros personagens que contracenaram com Don Juan, e tiveram, portanto, grande influência na ópera de Mozart. Tratava-se, portanto, de localizar a obra, traçar seu percurso e novas apropriações ao longo do tempo.

No mesmo diapasão caminhou artigo sobre os Rothschild, banqueiros dos mais ilustres. A autora narrou os primeiros feitos da dinastia de Mayer Amschel Rothschild (1744-1812) e a ramificação com os filhos do fundador: Salomon Mayer (1774-1855) dirigiu a casa de Viena; Nathan Mayer (1777-1836) estabeleceu primeiro em Manchester e depois em Londres; Carl Mayer (1788-1855) ficou responsável pela casa de Nápoles; e Jacob Mayer de Rothschild (1792-1868) assumiu o posto em Paris. Assim, a família que era alemã criou laços e tornou-se anglo-franco-alemã. O texto deu

destaque para o último filho, James, que além de perpetuar o banco na França atuou como grande filantrópico.

No campo das artes plásticas, a autora tratou dos pintores Diego Rodríguez de Silva y Velázquez (1599-1660) e Peter Paul Rubens (1577-1640). Apesar de fazer referências à obra *Descida da cruz* (1614) deste pintor e às famosas *O quadro das lanças* (*A rendição de Breda* ou *A Lança*, 1635) e aos *Ébrios* (*O triunfo de Baco* ou *Os bêbados*, 1628) de Velázquez, a edição da *Ilustração do Brasil* não trouxe reproduções. Entretanto, no mesmo número foram reproduzidos o autorretrato de Rubens (1625) e *Retrato de uma mulher* (1625-30) homenagem à segunda esposa do pintor, Helena Fourment (1614-1673).³³

É evidente que, para escrever os artigos sobre a história de artistas, figuras públicas, ou personagens fictícios, como D. Juan, a autora valeu-se de um conjunto de referências biográficas e de material de imprensa, de modo que não é óbvio que os textos continham excertos originários de diferentes fontes.

A publicação a respeito da pequena biografia de Cristian Andersen é um exemplo que esclarece o processo de escritura de Corina. As informações do artigo foram provenientes da introdução de Xavier Marmier (1808-1992), publicada na obra *Contes d'Andersen*, do qual o conto “A Sereia” também foi transcrito e traduzido pela autora (ver tabela 01). Marmier escreveu biografia com trechos narrados pelo próprio Andersen, que havia falecido em 1875, um ano antes da publicação de *Contes*. Um dos diálogos do escritor dinamarquês foi traduzido por Corina de Vivaldi (“Visitei, de 1833 a 1834, disse Andersen a Marmier, a Alemanha [...]”), o que permitiu localizar a obra referida. Comparação entre os textos mostra que a autora apropriou-se dos diálogos de Andersen e recontou-os ao estilo de uma narrativa com características de prosa ficcional.

(...) J'avais été me présenter au directeur du théâtre, qui, me voyant si jeune et si inexpérimenté, ne se donna même pas la peine de m'interroger, et répondit que je ne pouvais entrer au théâtre, *parce que j'étais trop maigre*. Il était temps d'aviser aux moyens de vivre, et je passai de longues heures à y réfléchir. Un matin, j'appris pas hasard qu'un tailler cherchait un apprenti. J'allai le trouver; il me prit à l'essai et me mit à l'ouvrage. Mais, hélas! À peine y eus-je passé quelques heures, que je me sentis horriblement triste et ennuyé. (CONTES D'ANDERSEN, 1876, p. 05, grifos no original).

Na sua ingênua e imperturbável confiança em si mesmo (...) foi oferecer os seus serviços ao diretor do teatro. Este o recebeu, segundo o modo tradicional perpetuado até os nossos dias; não quis fiar-se nos pequenos talentos de Andersen, e contentou-se em responder-lhe que *era muito magro*. Tendo-lhe dado esta boa razão, voltou-lhe as costas, e o nosso pobre rapaz foi meditar, passeando no porto, sobre os meios

práticos de ganhar a vida. Mas a meditação não podia ser longa, porque a fome principiava a fazer-se sentir. Empregou-se como aprendiz de um alfaiate; oh! Valia bem a pena abandonar o teto materno para obter este belo resultado! E era assim que se realizavam as alegres predileções da feiticeira. (ILUSTRAÇÃO DO BRASIL, 1879, p. 115, grifos no original).

É provável que certos fragmentos de textos, sobretudo de biografias e de obras científicas, tenham sofrido adaptações semelhantes realizadas por Corina de Vivaldi, pois, certamente, a leitura de um artigo com acréscimos de elementos que deixem a narrativa próxima ao romance ou ao conto era mais agradável e, portanto, tornava-se um atrativo para o leitor de um periódico ilustrado e de variedades como foi a *Ilustração do Brasil*.

Além de abordar sobre a arte, as letras e a ciência do século XIX, a autora tratou da questão da caridade, expressão da sensibilidade da sociedade oitocentista e atributo significativo ao homem civilizado (NAXARA, 2004, p. 72). O artigo “A castelã e a caridade” descreveu o quanto a “caridade humana nunca foi tão generosa como nos nossos dias, nos quais vemos surgir, por meio de dádivas voluntárias, subscrições ou legados, toda a sorte de instituições destinadas a aliviar a miséria daqueles que sofrem”, em comparação com a caridade no sistema feudal, cuja responsabilidade era da castelã que distribuía as esmolas aos vassallos, povos ignorados pelos feudatários. A princípio, o texto não trouxe referência a nenhuma estampa, entretanto, há um quadro publicado no centro do periódico, ocupando duas páginas, que exhibe uma castelã pujante, cuja imagem recorda a de uma santa sob o altar, frente a duas vassalhas, suas fiéis. A autoria da obra, datada de 1876, é de Tullo Massarani (1826-1905) e somente foi revelada pela assinatura do autor na estampa.³⁴

A caridade foi uma prática beneficente e, ao mesmo tempo, demonstração de poder, que envolvia bailes luxuosos, realizados pelas camadas mais altas da sociedade oitocentista. Outros lazeres e recreações, sobretudo, os teatros, entendido como a agregação de produção dramática e lírica de qualquer gênero no século XIX, foram temas presentes nas revistas ilustradas de Vivaldi. Ainda sob o pseudônimo C. V., a autora assinou a seção “Divertimentos”,³⁵ que divulgou peças teatrais, óperas e até apresentações circenses ocorridas no Rio de Janeiro, numa época em que os entretenimentos públicos multiplicavam-se na Corte.³⁶ Um dos itens noticiados na seção assinada por Corina foi o ringue de patinagem, o *Skating-Rink*, cuja primeira experiência deu-se no ano de 1872, entretanto apenas em 1878, com a inauguração

efetiva de uma pista de gelo, que contou com a presença da família Real, a prática tronou-se mais frequente (MELO, 2017, p. 81-100).

A produção da escritora continuou a sofrer deslocamentos nos últimos dois anos de circulação da *Ilustração do Brasil*. Ao longo do tempo, seus textos foram ganhando mais destaque nas páginas do periódico, cujo ápice ocorreu quando Corina de Vivaldi assinou editoriais. O editorial é uma seção de grande importância nos periódicos, circunstância que pode ser tomada como indício de que a escritora, além de ser uma colaboradora próxima ao pai, também participava ativamente da redação. Em 1879, a revista teve apenas oito números, publicados entre janeiro e agosto. Dos quatro editoriais estampados nestas edições, há um assinado por Corina. O texto tratou, em tom crítico, da música. O mote foi a vinda para o Rio de Janeiro de uma companhia lírica não identificada, talvez a de Ferrari. A autora teceu comentário em torno da produção musical da época, cujas composições estavam, na sua perspectiva, mais voltadas para a estética do belo, em contraposição ao sublime, primeiro sinal e prelúdio da música do futuro, considerada de fácil compreensão e, portanto, popular.

A importância adquirida pela escritora torna-se ainda mais evidente com seu último texto na *Ilustração do Brasil*, não enunciado por meio de iniciais, mas assinado com o seu nome. Em 1880, circularam apenas quatro edições do periódico, de modo que, no derradeiro número, provavelmente da segunda metade do ano, a autora publicou seu último editorial, assinando como Corinna Coaracy, seu nome de casada e que remetia para a importância, no meio jornalístico, do nome de seu marido, Visconti Coaracy, bem como a sua nova condição social. Com Corina, provavelmente, à frente da revista ao lado do pai, o artigo informou que aquele número encerrava uma série de quem tinham direito “uma grande parte de *nossos assinantes*” (ILUSTRAÇÃO DO BRASIL, 1880, p. 49, grifo nosso).

O editorial, localizado na capa ao lado o retrato de Teresa Cristina (1822-1889), destacou as virtudes da Imperatriz, principalmente no que tangia à caridade.³⁷ Cabe lembrar que, nas páginas da *Ilustração do Brasil*, eram recorrentes os textos que enalteciam o Império, bem como o Partido Conservador.³⁸ Com este texto, Corina subscreveu a posição político-ideológico da revista que, continuamente, exaltava a monarquia como melhor modo de governo para o país. Inserido num contexto de crise do Império, o periódico afirmava que somente com o sistema monárquico seria possível o alcance do tão almejado desenvolvimento da nação brasileira.

Entretanto, o número que trouxe o editorial com seu nome foi o último da *Ilustração do Brasil*, que deixou de circular sem explicar o motivo do encerramento. A

falta de regularidade da publicação, frequente desde o fim da *Ilustração Popular* e que se acentuou no ano de 1880, evidencia as dificuldades para manter o periódico circulando.

Considerações finais

Avanços técnicos, literatura, artes e entretenimento foram temas abordados na produção escrita de Corina de Vivaldi, que se somaram à temática feminina, como comportamento, moda, beleza e educação. Os assuntos eram tratados tendo em mira o progresso da nação, a defesa da moral, a dicotomia civilização versus barbárie, o encantamento com o progresso e a ciência, em suma, eram ideias que absorviam as preocupações da sociedade oitocentista. Não somente a temática e a escrita em si, mas o gênero textual variou, pois Corina produziu material ficcional, informativo e argumentativo. Essa variedade de temas e de estilos não pode ser dissociada do suporte, as revistas *Ilustração do Brasil* e *Ilustração Popular*, cujo conteúdo era formado por um conjunto de textos e imagens que debatiam assuntos em voga, como já anunciado. Não há indícios de que a escritora, entre 1874 e 1880, tenha produzido para periódicos outros que não os paternos.

A análise dos textos de Corina de Vivaldi demonstrou que ela não seguiu o padrão então dominante para as modas de boa família. Educada com esmero, mas tendo em vista o lugar feminino, ou seja, o lar, sua trajetória pode ter seguido outros caminhos em função da proximidade com o pai, Charles de Vivaldi, que editou, concomitantemente, títulos importantes. É interessante notar que, em seus primeiros textos, ela se posicionou contra a participação das mulheres na imprensa, no campo literário e nas academias, isso num período em que vozes femininas começavam a se levantar contra a naturalização de sua condição. A passagem de Corina de Vivaldi para as páginas da *Ilustração do Brasil* deu-lhe oportunidade para tratar de outros assuntos candentes em sua época, que não integravam o que se considerava próprio para o feminino. Ela também foi responsável pela divulgação de livros, sobretudo franceses, análise da trajetória de figuras e obras ilustres e, ainda, por noticiar avanços da técnica e da ciência. Ao tomar cada vez mais espaço nas páginas da revista, a escritora assinou, além de conteúdos sobre assuntos socioculturais, texto sobre a posição política da revista, que defendia o sistema monárquico.

É curioso que o último texto, que coincidiu com o fim da publicação, trouxesse o nome de uma respeitável senhora casada que teria, nos anos vindouros, atuação

significativa na imprensa. Estes primeiros textos, por seu turno, permanecem praticamente esquecidos.

Referências

- A NAÇÃO. Rio de Janeiro, ano IV, n. 192, 03 set. 1875.
- A REFORMA: órgão democrático. Rio de Janeiro, ano X, n. 173, 01 ago. 1878, p. 02.
- BERNARDES, Maria Thereza Caiuby Crescenti. *Mulheres de Ontem?* Rio de Janeiro – Século XIX. São Paulo: T. A. Queiroz, 1988.
- BLAKE, Sacramento. *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1883-1902.
- BUITONI, Dulcília Schroeder. *Mulher de papel: a representação da mulher na imprensa feminina brasileira*. São Paulo: Summus, 2009.
- CARDOSO, Rafael. O início do design de livros no Brasil. In *O design brasileiro antes do design*. São Paulo: Cosac & Naify, 2005, p. 160-196.
- CARULA, Karoline. A educação feminina em *A mãe de família*. In _____; ENGEL, Magali Gouveia; CORRÊA, Maria Letícia. *Os intelectuais e a nação: educação, saúde e construção de um Brasil moderno*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2013, p. 85-112.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difusão Editora, 1988.
- COARACY, Vivaldo. *Todos contam sua vida: memórias de infância e adolescência*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959.
- CONTES D'ANDERSEN. Paris, Librairie Hachette et cie., 1876.
- COSTA, Carlos. *A Revista no Brasil do século XIX: a história da formação das publicações, do leitor e da identidade do brasileiro*. São Paulo: Alameda, 2012.
- DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro, ano 61, n. 115, 01 ago. 1878.
- FERREIRA, Orlando da Costa. *Imagem e Letra: introdução à bibliografia brasileira – a imagem gravada*. São Paulo: Edusp, 1994.
- JINZENJI, Mônica Yumi. *Cultura impressa e educação da mulher no século XIX*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- ILUSTRAÇÃO DO BRASIL. Rio de Janeiro, 1876-1880.
- ILUSTRAÇÃO POPULAR. Rio de Janeiro, 1876-1877.
- L'ILLUSTRATION ITALIANA. Milão, ano IV, n. 01, 07 jan. 1877; n. 15, 15 abr. 1877; n. 18, 06 maio 1877; n. 36, 09 set. 1877.
- LA GAZZETTA ITALIANA DEL BRASILE. Rio de Janeiro, ano I, n. 01, 01 set. 1875; n. 03, 15 set. 1875.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.
- LUCA, Tania Regina de. A mulher em revista. In PINSKY, Carla Bessanezi; PEDRO, Joana Maria. *Nova História das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2012.
- MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em Tempos de República*, São Paulo (1890-1922). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2008.
- MELO, Victor Andrade. Uma diversão civilizada: a patinação no Rio de Janeiro do século XIX (1872-1892). *Locus: revista de história*, Juiz de Fora, v. 23, n. 1, p. 81-100, 2017.
- NAXARA, Márcia Regina Capelari. *Cientificismo e sensibilidade romântica: em busca de um sentido explicativo para o Brasil no século XIX*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004.
- O FÍGARO: folha ilustrada. Rio de Janeiro, nº 14, 01 abr. 1876.
- O GLOBO. Rio de Janeiro, ano 02, n. 240, 02 set. 1875.

O SEXO FEMININO. Campos, Minas Gerais, ano 2, n. 01, 22 jul. 1875.
SANT'ANNA, Benedita de C. *D'O Brasil ilustrado (1855-1856) à Revista ilustrada (1876-1898): trajetória da imprensa periódica literária ilustrada fluminense*. Jundiaí: Paco Editorial, 2011.
SEMANA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, ano XV, n. 770, 12 set. 1875.
THE AMERICAN MAIL. Rio de Janeiro, vol. 01, n. 01, 25 dez. 1873; n. 03, 24 mar. 1874; n. 04, 12 abr. 1874; n. 05, 23 abr. 1874; n. 06, 23 maio 1874.
THE BRITISH AND AMERICAN MAIL. Rio de Janeiro, vol. III, n. 42, 24 set. 1877.
VERGARA, Moema de Rezende. As imagens femininas n' *O Vulgarizador*: público de ciência e mulheres no século XIX. *Imagens*, v. 15, suplemento, p. 191-208, jun. 2008.

Notas

¹ Este texto é decorrente da pesquisa de mestrado em andamento intitulada “Instruir, moralizar e civilizar: nação e sociedade nas *Ilustração do Brasil* (RJ, 1876-1880) e *Ilustração Popular* (RJ, 1876-1877)”.

² Corina teria vindo ao Brasil em 1861, porém entre 1865 e 1869, Vivaldi enviaria a filha de volta aos EUA para que adquirisse melhor educação, estudando em colégios de Wiscosin. (COARACY, 1959).

³ “Filha d’Italo Pai, nascida em Kansas, / Que no Brasil, Alumna estudiosa, / Medalhas d’ouro e alto louvor alcanças / Na bella idade em que mais linda é a rosa. / Não, Tu não és das que prezam danças, / Fitas, vestidos, de que mais cuidosas / São, e d’aquillo que lhes orne as tranças, / Que de ter d’alma prendas preciosas. / Tu, de teus Paes satisfazer só queres / Os votos, e adquirir mental thesouro, / O mais firme e maior de quaesquer teres, / Que no tempo presente e no vindouro / Mais valha a ti, fiel aos teus deveres, / Que outro adorno qualquer do melhor ouro.” Folheto com o soneto está disponível no acervo de Corina Coaracy na Fundação Casa de Rui Barbosa. Segundo Vivaldo Coaracy, é um mau soneto que foi distribuído em avulsos na cerimônia de encerramento das aulas. (COARACY, 1959, p. 54).

⁴ As citações sobre Corina são escassas e repetitivas. Os trabalhos de Benedita Sant’Anna (2011) e Carlos Costa (2012) dissertam sobre alguns textos da autora no período em questão, apesar de não ser o objeto de estudo. Na Fundação Casa de Rui Barbosa está depositado o acervo da família, doado por Ada Maria Coaracy em 1996, neta de Corina, que nada acrescentam em relação aos dados de Vivaldo Coaracy, cabendo destacar que algumas das fontes citadas por este autor não constam no acervo, a exemplo das correspondências familiares, certidões de casamento e retratos familiares. É provável que a doadora tenha feito uma seleção e mantido consigo o material de viés pessoal. Note-se que a doação ocorreu após a escritura de seu filho, publicado em 1959.

⁵ As obras dão relevância aos trabalhos das décadas de 1880 e 1890, principalmente devido a sua entrada, a partir de 1888, na *Cidade do Rio* (RJ, 1887-1893; 1895-1902), convencida pelo seu proprietário, José do Patrocínio (1854-1905). No jornal assinava com as iniciais C. Cy. as crônicas “A Esmo”.

⁶ Sacramento Blake (1883-1902, p. 139) diz que Corina Coaracy teria assumido a direção literária da *Ilustração Popular* em 1877. Entretanto, na revista tal informação não pode ser confirmada, pois nas capas dos 44 números publicados, figura apenas o nome de Charles F. de Vivaldi como diretor do hebdomadário.

⁷ Manuel Pacheco ou Barão de Pacheco (1812-1889) foi educador e médico brasileiro. O *Jornal da Tarde* era composto por quatro páginas e publicado diariamente, exceto aos domingos, tendo sido lançado provavelmente em setembro de 1869, com escritório localizado na Rua da Uruguaiana, nº 54, no Rio de Janeiro. No número 81, de 01 de fevereiro de 1870, Vivaldi e Pacheco anunciaram a venda do jornal para Angelo Thomaz do Amaral e Eduardo Augusto de Oliveira.

⁸ Caso do jornal *The American Mail* (RJ, 1873), posteriormente intitulado *The American South Mail* (RJ, 1874-1877). O jornal era órgão da colônia anglo-americana e circulou até o Rio da Prata. Em 1877, Vivaldi vendeu o jornal para o colaborador James Edwin Hewitt, que alterou o nome para *The British and American Mail* (RJ, 1877-1879) (COARACY, 1959, p. 89). Antes de se desfazer do *The American* lançou *La Gazzetta Italiana del Brasile* (RJ, 1875-1876) e, posteriormente, o *L’emigrante italiano* (RJ, 1878).

⁹ Os títulos foram localizados na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, dos quais: *Jornal da Tarde* há números a partir da edição 60, datada a partir de novembro de 1869; *The American Mail* possui cinco exemplares, sendo a primeira de 1873, e do número 03 ao 06 de 1874; *La Gazzetta Italiana del Brasile* possui os dois primeiros números de 1875; e *L’Emigrante Italiano*, há apenas um número de 1878 em periódicos raros.

¹⁰ Há coleção completa da *Ilustração do Brasil*, com exceção do número 59, na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, já o periódico *Ilustração Popular* possui todos os números disponíveis em microfilme pela mesma instituição.

¹¹ O periódico contrastava com outros títulos contemporâneos, a exemplo das folhas, das revistas e dos jornais humorísticos e ilustrados com caricaturas litografadas, como *O Mequetrefe* (RJ, 1875-1893) de

Pedro Lima e Eduardo Joaquim Correa, a *Revista Ilustrada* (RJ, 1876-1898) de Angelo Agostini (1843-1910), e o *Psit!!!* (RJ, 1877) e *O Besouro* (RJ, 1878-1879) de Rafael Bordalo Pinheiro (1846-1905), somente para citar alguns exemplos.

¹² Em 1876, a assinatura anual para a Corte da *Ilustração do Brasil* era de 12\$000 e o valor anual de 300 réis, enquanto que a *Ilustração Brasileira* cobrou 20\$000 anual e 1\$000 avulso, já os periódicos ilustrados humorísticos, como a *Revista Ilustrada* e *O Mequetrefe*, custavam 16\$000 ao ano e cada número no valor de 500 réis. A *Ilustração Popular* cobrou 5\$000 anuais para a Corte e 100 réis o número avulso, dos quais podem ser comparados com os valores do hebdomadário satírico *A Comédia Popular* (RJ, 1877), com assinatura trimestral de 3\$000, sendo 12\$000 anuais, e 300 réis cada número.

¹³ Esses dados foram obtidos a partir de pesquisa das assinaturas presentes nas estampas reproduzidas nos impressos de Vivaldi, o que permitiu identificar a origem do material na publicação original italiana.

¹⁴ As seções da *Ilustração do Brasil* são assinadas pela redação e por colaboradores, sendo as primeiras: “As nossas gravuras” (57 ocorrências), “Em família” (52), “Crônica” (36), “Variedades” (24), “Teatros” (vários títulos sobre o tema, 18), “Ciência popular” (12), “O que há de novo?” (10), “Gaveta editorial” (06), “Poesia” (05), “Revista da quinzena” (04), “Bibliografia” (02); e as seções com autoria são: “Evoluções do Progresso” (E. A. Zaluar, 05), “Conversações com minha filha” (Aniroc, 03), “Crônica da moda” (Aniroc, 02), “Divertimentos” (C.V., 02), “Entre moças” (Aniroc, 02), “Impressões parisienses” (E. L., 02), “Literatura” (Aprígio Guimarães, 02). Há na *Ilustração Popular* as seguintes seções assinadas pela redação: “As nossas gravuras” (41), “Ciência popular” (12), “Crônica da semana” (inclui outro título, 12), “América” (08), “Teatros” (inclui vários títulos, 07), “Variedades” (inclui outros títulos, 06), “Europa” (05); e as seções com autoria são todas de Aniroc: “Conversações com minha filha” (03), “Entre moças” (03).

¹⁵ Até o momento foram contabilizados na *Ilustração do Brasil* 230 artigos, enquanto a sua versão modesta trouxe 109 artigos.

¹⁶ Além de periódicos que possuíam algum conteúdo dedicado às mulheres, a exemplo das ilustrações de Vivaldi, o período também marcou a criação de publicações de mulheres e dirigidas, sobretudo, para elas, em que defendiam a luta pela educação feminina, pelo ingresso em profissões, e pelo direito ao voto (LUCA, 2012, p. 451).

¹⁷ Na imprensa, os direitos autorais, fossem de textos ou de imagens, não estavam, até o final do século XIX, claramente instituídos. O direito autoral surgiu durante a Revolução Francesa, porém sua adoção no mundo literário e da imprensa não se impôs de imediato. A proteção das obras foi discutida na Conferência de Berna, realizada na Suíça em 1886, que reconheceu o direito do autor das suas produções. Na trajetória entre a escritura de um texto e sua materialização num dado suporte havia figuras fundamentais: o autor do manuscrito, o editor e o impressor que lhe davam concretude, cabendo lembrar que a posição de editor só ganhou autonomia no decorrer do Oitocentos (LAJOLO, ZILBERMAN, 1996, p. 61 e 62).

¹⁸ A versão original, sem autoria, foi publicada na *L'Illustrazione Italiana*, ano IV, nº 36, p. 158-9, 09 set. 1877. O retrato de Thiers, sem autoria, foi publicado em ambas as edições, localizado na página 36 da primeira edição e como capa da versão italiana. Este último periódico está disponível no acervo on-line da *Biblioteca di storia moderna e contemporanea*. Disponível em: <http://digiteca.bsmc.it/?l=periodici&t=Illustrazione%20italiana%28L%60%29#>, acesso em: abr. 2018.

¹⁹ Vale mencionar que o texto original em italiano, publicado na *L'illustrazione Italiana*, não consta autoria.

²⁰ Carlos Costa (2012, p. 232 e 233) foi o primeiro pesquisador a debruçar-se sobre as páginas da *Ilustração Popular* e identificar o pseudônimo, realizando ainda uma análise breve dos textos assinados por Aniroc.

²¹ Dos 109 artigos da *Ilustração Popular*, apenas 06 são assinados, sendo eles de Aniroc (2), F. (1), P.S. (1), Plínio Guedes (1) e Tableau (1). Do restante, 103 textos podem ser atribuídos à redação.

²² Durante o ano de 1877, a *Ilustração do Brasil* acompanhou a *Ilustração Popular* e ambas tiveram periodicidade quinzenal.

²³ Os contos desta seção também foram publicados na *Ilustração do Brasil*, porém em período posterior. A publicação de textos da *Ilustração Popular* em sua versão luxuosa, ou vice-versa, era recorrente.

²⁴ Caio Márcio Coriolano foi um general guerreiro da República Romana no século V a.C., casado com uma mulher de nome Virgília.

²⁵ Cornélia Africana foi uma matrona romana do século II a.C., mãe dos irmãos Gracos.

²⁶ Clara Camarão foi uma indígena brasileira que viveu em meados do século XVII e teria lutado contra as invasões holandesas.

²⁷ O jornal *O Sexo Feminino* (Campanha, MG, 1873-1889), editado por Francisca Senhorinha da Mota Diniz, defendia que à mulher deveria ser dada a tripla educação: moral, física e intelectual. Segundo a redatora do jornal, “a ideia principal é a de abrir todas as carreiras ao nosso deprimido sexo (...), conservando-a na ignorância fica ela sem a força que carece para resolver o mais difícil dos problemas sociais – o da Educação dos filhos” (O SEXO FEMININO, 1875, p. 01).

²⁸ Reforma Carlos Leôncio de Carvalho, decreto nº 7.247, de 19 de abril de 1879, autorizava a anexação às faculdades de medicina dos cursos de farmácia, de obstetrícia, de ginecologia e de cirurgia dentária, e a permissão de matrícula de ambos os sexos (BERNARDES, 1988, p. 139).

²⁹ Respectivamente, as imagens que estamparam as crônicas de Corina na *Ilustração do Brasil* foram publicadas na *L'Illustrazione Italiana* em ano IV, n. 15, p. 237, 15 abr. 1877 e ano IV, n. 01, p. 16, 07 jan. 1877. Entretanto, ambas as ocorrências trataram-se de anúncios do *Museo di famiglia: rivista illustrata*, ou seja, eram estampas originárias deste periódico. Nenhum elemento no periódico italiano atestou a autoria das imagens.

³⁰ Na *Ilustração do Brasil*, por exemplo, há um conjunto de artigos sobre a educação da mulher que defende maior abertura para a instrução feminina, porém, o objetivo esteve em conceber um melhor ensino aos filhos. Não há clareza na posição da revista quanto à educação superior. *Ilustração do Brasil*, ano I, nº 23, p. 230, 08 fev. 1877; nº 24, p. 234, 15 fev. 1877; nº 25, p. 242, 22 fev. 1877.

³¹ Em ambas as edições o texto foi a publico na mesma semana (ver tabela 02), tendo a versão luxuosa lançado na quinta-feira e a outra variante no sábado, dias em que os periódicos eram publicados.

³² Sobre as temáticas predominantes e desprezadas da imprensa feminina ver *Mulher de papel, a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira*, trabalho de Buitoni.

³³ Os retratos foram estampados na *L'Illustrazione Italiana*, ano IV, n. 37, p. 180 e p. 181, respectivamente, em 16 de setembro de 1877. Não há autoria para a reprodução em estampa.

³⁴ A ilustração foi estampada, originalmente, na *L'Illustrazione Italiana*, ano IV, nº 18, p. 280-1, 6 maio 1877.

³⁵ Houve duas ocorrências da seção “Divertimentos”, porém apenas a primeira trouxe assinatura. Com a ausência na segunda, adotou-se C.V. como autoria nesta ocorrência.

³⁶ O teatro foi um tema abordado em diversas seções, houve aquelas que somente trataram do assunto, como “Teatros” (05), “Teatro lírico” (03), e “Ópera lírica” (02), e outras como “Variedades”, “Crônica semanal” e “Crônica quinzenal” que, além de divergirem sobre as apresentações, também contaram com diversos outros assuntos em voga.

³⁷ O retrato não possui autoria evidenciada pelo periódico. O editorial não tem título e foi publicado na *Ilustração do Brasil*, ano II, nº 16 (nova série), p. 49, 1880.

³⁸ O editorial de lançamento e a primeira imagem, estampada na capa da edição, evidenciam a posição política da redação, que esteve voltada para a defesa do sistema monárquico. *Ilustração do Brasil*, ano I, nº 01, p. 01 e 02.

Enviado em 28 de maio de 2018 e aceito em 24 de janeiro de 2019